

Midland recua e contabiliza US\$ 1,65 bilhão como perda

por Clive Wolman
do Financial Times

Os resultados financeiros do Midland Bank apresentarão o que se espera ser o maior prejuízo já sofrido por um banco de compensação britânico, como consequência de uma inversão, anunciada ontem, do tratamento que propôs dar a suas provisões para empréstimos ao Terceiro Mundo, de reembolso duvidoso.

O anúncio feito pelo banco em junho de que planejava excluir as provisões de 916 milhões de libras (US\$ 1,65 bilhão) da conta lucros e perdas e as considerar um item extraordinário provocou protestos públicos, segundo os quais o banco estava inflando artificialmente seus lucros por meio de expedientes.

O Midland anunciou seu recuo apenas algumas ho-

ras antes de uma comissão especial de três pessoas, criada pelo Instituto de Contabilidade da Inglaterra e do País de Gales, iniciar a reunião para investigar a questão. A investigação, que foi instaurada depois de queixa apresentada por empresa de auditoria, poderia no fim ter conduzido a procedimentos disciplinares contra o Midland e seus auditores, a Ernst and Whinney, se persistissem na sua decisão.

Nigel MacDonald, sócio-técnico-sênior da Ernst and Whinney, disse ontem à noite que a comissão de auditoria do Midland decidiu incluir as provisões na conta de lucros e perdas por iniciativa própria. A Ernst and Whinney ainda não decidiu sobre sua própria diretiva para a contabilização de provisões para dívidas duvidosas, afirmou. Em julho, a empresa apro-

vou tanto o tratamento contábil proposto pelo Midland quanto o critério contrário adotado por outro de seus clientes, o National Westminsterbank.

MacDonald acrescentou que os acionistas não poderiam ter sido enganados por qualquer dos dois critérios contábeis e afirmou que toda a disputa era apenas uma tempestade em copo de água. "Não tem nenhuma importância", afirmou, embora admitisse que o Midland levou vários meses de deliberações prolongadas e cuidadosas antes de concordar com o recuo na decisão.

Ian Tegner, o diretor financeiro do Midland, observou que, desde julho, surgiu um claro consenso favorável à dedução das provisões para dívidas do Terceiro Mundo dos lucros do banco de 1987.

O instituto declarou on-

tem que recebeu com agrado a decisão do Midland de mudar seu critério contábil e admitiu que "a decisão original envolveu questões de julgamento delicado".

David Damant, membro da Comissão de Normas Contábeis do instituto, disse ontem à noite que "há uma forte tese em defesa da ordem e comparabilidade no tratamento dessas questões. Mas ninguém deve pensar que a decisão afetará questões reais como o futuro fluxo de caixa do banco.

E duvida-se que qualquer usuário de conta tome qualquer decisão diferente, qualquer que seja a forma em que os totais são apresentados. O balanço permanece o mesmo".

Como resultado da decisão, os prejuízos antes dos impostos do banco para 1987 deverão ultrapassar 400 milhões de libras.